

ECONOMIA & TRABALHO

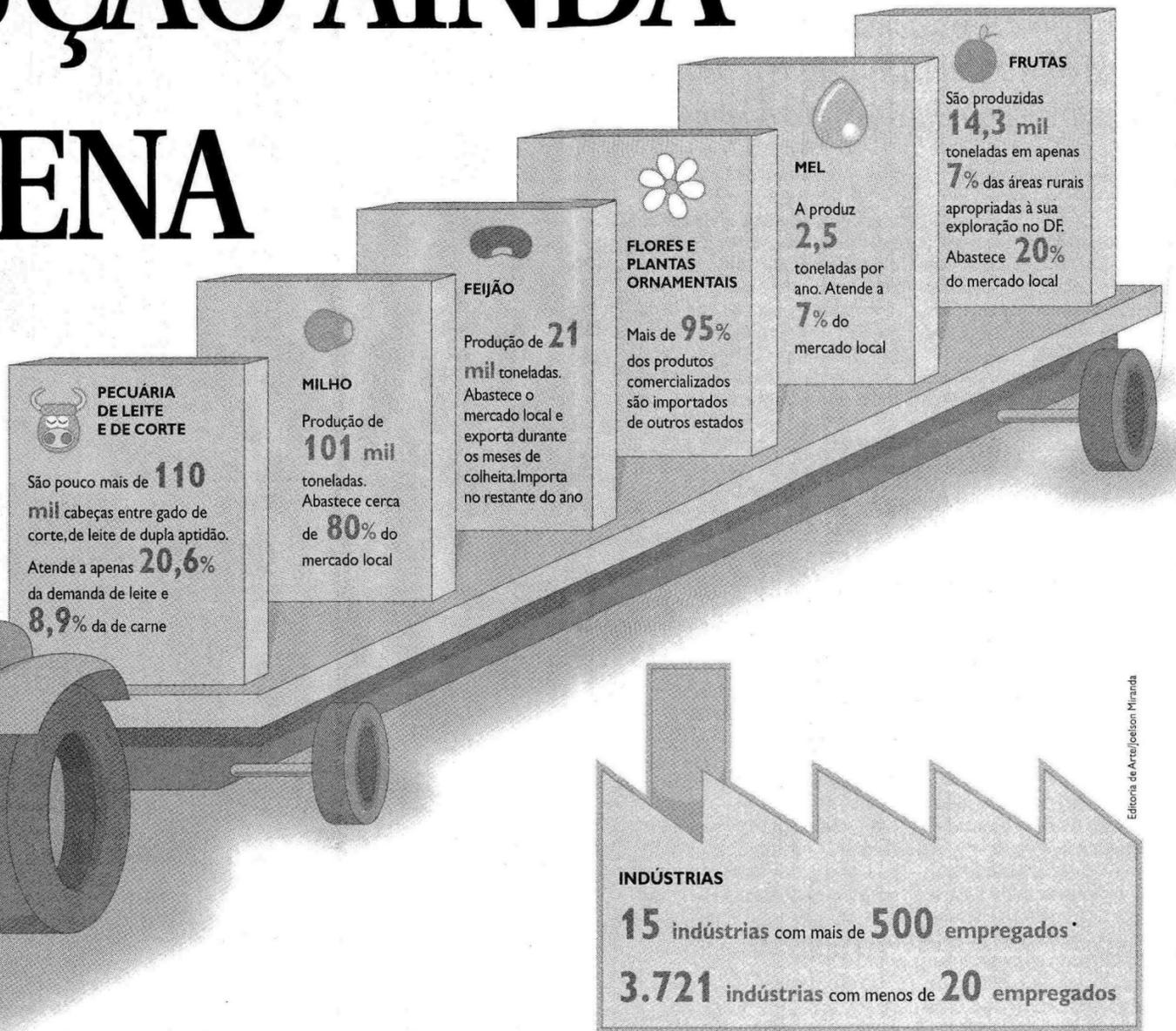
12 Brasília, sexta-feira,
17 de setembro de 1999

CORREIO BRAZILIENSE

SUBEDITORA: Verene Wolke Telefone: 342-1190/342-1191 Fax: 342-1155 E-mail: economia@cbdata.com.br

PRODUÇÃO AINDA É PEQUENA

**MERCADO DO DISTRITO
FEDERAL É ABASTECIDO
POR EMPRESAS DE
OUTROS ESTADOS**



INDÚSTRIAS

15 indústrias com mais de 500 empregados
3.721 indústrias com menos de 20 empregados

Flávia Filipini
Da equipe do Correio

O Distrito Federal nasceu como uma região administrativa. Passaram-se quase 40 anos e seu perfil continua o mesmo. O resultado é que cerca de 85% de tudo que os moradores compram, seja para usar ou comer, é importado de outros estados ou do até mesmo do exterior. Os 15% restantes vêm de pouquíssimas indústrias e de, principalmente, pequenas empresas. Na verdade, no DF se fabrica praticamente de tudo. Mas tudo muito pouco. São 4.114 indústrias, segundo o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), que faz pesquisas para a Federação das Indústrias de Brasília (Fibra). O problema é que 90% (3.721) delas têm, no máximo, 20 empregados.

É o caso, por exemplo, da fábrica de velas Trevo. O empresário Jobias Carlos Ferreira, de 36 anos, tem 16 empregados, que produzem 30 toneladas de velas brancas para iluminação por mês. Ferreira é um dos poucos fabricantes locais que consegue revender seus produtos (fabrica também as marcas Vitória Régia e Estrela Dalva) em grandes redes de supermercados. Suas velas são encontradas, por exemplo, no Planaltão e no Carrefour, mas a maior parte de sua produção é revendida para pequenas mercearias e mercadinhos.

“É muito difícil concorrer com os gigantes”, reclama Ferreira.

Como fabricam em grande escala, os maiores indústrias têm condições de negociar preços e prazos de pagamento com seus clientes comerciantes. Assim, chegam mais fácil ao consumidor. “Só consigo me manter no mercado porque tenho um produto de qualidade com preço competitivo”, diz Ferreira, que atende também ao Entorno.

Como a empresa Trevo, existem outras 3.720. São pequenos fabricantes de confecção, microindústrias de vassouras, rodos e outros produtos. Mas que atendem a uma demanda tão pequena que não têm peso algum na lista de compras de uma dona de casa brasiliense. Pelo levantamento do IEL, há no DF por exemplo, 647 empresas no segmento de alimentação e bebidas. Quantas com mais de 500 empregados? Apenas duas, ambas da área de bebidas — a Coca-Cola e a Skol. Há 119 confecções, mas nenhuma de grande porte.

A Fibra começou a fazer um levantamento sobre a proporção das importações na capital. Iniciou a pesquisa pelo segmento de livrarias. Dos três mil itens encontrados à venda, todos vêm de fora do estado. “Como não tínhamos um programa de incentivo às indústrias, hoje no DF só se fabrica cimento e bebidas. Praticamente tudo que é consumido vem de fora”, reconhece o presidente da Fibra, Lourival Dantas.

A entidade agora parte para repetir a pesquisa no segmento

Wanderlei Pozzembom



Ferreira: “Consigo me manter no mercado porque tenho um produto de qualidade com preço competitivo”

de supermercados. O resultado não deve ser muito diferente. Segundo o presidente do sindicato das empresas atacatistas, Saulo Melo, cerca de 99% dos produtos vendidos nesses locais são importados. “Na área de alimentação, praticamente tudo é comprado fora. A exceção são as hortaliças. Os produtos industrializados locais que chegam ao mercado são tão poucos que quase não me lembro”, diz Melo.

Fora pequenas empresas como a de velas, o máximo que o DF faz é embalar os produtos fabricados fora. Segundo o IEL, há apenas 15

indústrias em Brasília com mais de 500 empregados, mesmo assim, três delas são de informática — que prestam serviços e não fabricam produtos. Entre as 12 restantes estão as duas de bebidas, duas mineradoras, uma gráfica (de jornal) e sete do segmento de construção civil, que constroem edifícios. Não é à toa, então, que o índice de desemprego no DF atinja 23% da população economicamente ativa (pessoas aptas ao trabalho).

“O problema é que os governantes apostaram que poderíamos sobreviver de repasses da

União, sem a participação da iniciativa privada”, comenta o diretor da Brasal Refrigerantes, fabricante da Coca-Cola e da Kaiser no DF, Renato Barbosa. Ele emprega 900 trabalhadores para produzir cem mil latas ou garrafas de bebidas por hora. É o sétimo maior recolhedor de Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços (ICMS) da cidade e tem 50,6% do mercado local. “A outra metade é de empresas que empregam trabalhadores de outros estados, recolhem impostos a outros estados, mas vendem para con-

sumidores daqui”, diz Barbosa.

Ele lembra, porém, que a falta de indústrias locais faz com que a Coca-Cola compre todos os insumos fora do DF. “Até o plástico que usamos para acoplar e embalar as latas compramos fora. Tudo por causa da inexistência de uma política de incentivo à indústria. Não foi à toa que muitas fábricas se mudaram para Goiás”, critica.

A população paga por essa falta de indústrias. Como os produtos são trazidos de longe, o frete é repassado para o valor das mercadorias. Mas, segundo o secretário de Desenvolvimento Econômico, Lázaro Marques, o cenário vai mudar em pouco tempo. “Temos de reconhecer que esse problema encarece o custo de vida da população, mas tenho certeza que esse custo será reduzido em breve”. Marques aposta no atual programa de incentivo, o Programa de Promoção e Desenvolvimento Econômico, Integrado e Sustentável (Pró-DF), para reverter a situação. Segundo ele, 60 novas empresas estão vindo para o DF, atraídas pelos incentivos fiscais e logísticos.

No lançamento do Pró-DF 3.500 lotes foram colocados à disposição de micros e pequenos empresários. Junto com a primeira oferta, a garantia de que outros sete mil terrenos seriam liberados, assim que o governo organizar o Setor de Indústria da Estrutura, a área de desenvolvimento econômico da Ceilândia e o Pólo JK.